

Um Protagonista em Machado de Assis: Estudo sobre a Psicose e a Personagem Jacobina

A Protagonist in Machado de Assis: Study on the Psychosis and the Jacobina Character

Wanderlei Abadio de Oliveira^{a*}; Jorge Luiz da Silva^b; Flávia Roberta Basso^c; Viviane Silvina de Moraes^d

Resumo

Este artigo objetiva interpretar o conto *O Espelho* de Machado de Assis a partir da psicanálise e do estudo da psicose. Para Lacan a psicose revela a estrutura do sujeito, sendo possível ilustrar com a personagem Jacobina as três etapas do Estádio do Espelho e suas implicações para a estruturação psíquica do eu. Nota-se que a linguagem apresenta-se como fundamental para a estruturação do sujeito e a escuta de pacientes psicóticos é emergente para o estabelecimento de uma nova clínica psicológica que leve a compreender a alma humana.

Palavras-chave: Psicose. Estádio do Espelho. Lacan. Psicanálise. Machado de Assis.

Abstract

This article aims to interpret the story O Espelho, by Machado de Assis, through psychoanalysis and the study of the psychosis. For Lacan the psychosis reveals the structure of the subject, being possible to illustrate, with the character Jacobina, three stages of the Stadium of O espelho and its implications for the psychological structuring of the "I". It is noticed that the language is fundamental for structuring the subject and for listening to psychotic patients it is emergent for the establishment of a new psychological clinic that leads us to understand the human soul.

Key-words: Psychosis. Stadium of O espelho. Lacan. Psychoanalysis. Machado de Assis.

^a Discente do Curso de Psicologia - Universidade de Uberaba (UNIUBE).

E-mail: wanderleivieira@edu.uniube.br

^b Discente do Curso de Psicologia - Universidade de Uberaba (UNIUBE).

E-mail: jorgeibiraci@yahoo.com.br

^c Discente do Curso de Psicologia - Universidade de Uberaba (UNIUBE).

E-mail: frbflaviabol.com.br

^d Pós-Graduada em Docência na Educação Superior - Universidade Federal de Uberlândia (UNIUBE). E-mail: vivisilvina@hotmail.com

* Endereço para correspondência: Rua Pernambuco, 1816, Bairro Universitário. CEP. 38.050-420. Uberaba-MG.

1 Introdução

[O psicótico] fala-nos da situação humana que é a de ser o eterno brinquedo entre a procura de uma completude que não existe e a estupidez de um gozo que não serve para nada (LEITE, 2007, p. 358).

Este trabalho se insere no campo de investigação da Psicologia e da Psicanálise, proporciona reflexões acerca da psicose e propõe um estudo de caso sobre a personagem protagonista do conto *O Espelho* de Machado de Assis. Aliamo-nos, assim, à investigação daquilo que o autor do conto alude: a condição humana e as proficuas e diversas formas de pensá-la.

Nessa incursão teórica coube aos autores deste trabalho apresentar a definição de psicose, e eis que surge uma dificuldade, pois definir tal termo não tem sido tarefa fácil para a literatura e teóricos ao longo da história da civilização. Isto posto, vale retomar algumas considerações teóricas sobre o tema para que nos lancemos com propriedade à análise da personagem Jacobina e às reflexões sobre a psicose que se depreendem de suas vivências.

Na psicose somos chamados a refletir acerca da não inclusão do pai na relação entre a mãe e a criança. Esta não inclusão será chamada por Lacan de *forclusão do Nome-do-Pai*. Tal termo é utilizado especificamente para a psicose, já que nesta estrutura o pai não interdita a díade, não impõe a lei e por isso não apresenta à criança a castração capaz de levá-la ao campo do simbólico. Assim, na psicose não há acesso ao simbólico, a lei fracassa, não há corte na relação imaginária do sujeito com o Outro e, dessa forma, o psicótico se fixa na posição de objeto, furtando-se à projeção para a condição de sujeito.

Aludindo ao nome do conto de Machado de Assis este trabalho, também, evoca outro termo lacaniano – o *Estádio do Espelho* – para traçar algumas considerações sobre o texto que será examinado à luz da psicanálise. O espelho a que se refere Lacan é uma metáfora referente à identificação e à produção do eu. Ao deixar o Estádio do Espelho o sujeito se projeta a condição *sui generis* de sujeito, às relações sociais e à constituição da realidade e do conhecimento.

À guisa de introdução, não podemos deixar de reconhecer que as personagens de Machado de Assis fascinam leitores desde o século XIX e muitas delas foram imortalizadas pelo coletivo. Sobre a análise empreendida, o conto *O espelho* permite inferências sobre a personagem protagonista Jacobina que se apresenta como sujeito envolvido na dialética da identificação, aprisionado ao discurso afetivo dos outros, prisão manifesta nos elogios e gracejos transmitidos ao alferes e aceitos como verdade incontestável sobre a estrutura/condição psíquica do ser.

Vale destacar que não se sugere que a personagem Jacobina seja psicótica, ao contrário, a vivência da personagem nos arremete a questões nodais sobre o processo de subjetivação e os conflitos inerentes a ele. Empregam-se, assim, nesta análise, trechos que possibilitam o debate sobre a psicose, pois as experiências subjetivas da personagem favorecem o entendimento do tema e auxiliam na compreensão desta complexa seara.

2 Um saber Teórico sobre a Psicose e o Desenvolvimento do Eu

No que se refere à conceituação da psicose e os estudos a ela referentes, nota-se que, historicamente, o termo sofreu alterações e os esforços para sua significação e postulação remontam à tempos pré-freudianos. Atualmente, pode-se definir a psicose como um conceito que surgiu de um oposto dialético às neuroses.

Grosso modo, a psicose se apresenta como uma dificuldade em transitar entre a realidade e a fantasia, pois o psicótico permanece na fantasia, invadido pelo Outro. Sua formação sintomática é delirante e o uso de seus mecanismos de defesa é contra fragmentos da realidade no intuito de rejeitá-la. Destaca-se que para o diagnóstico de psicose é necessário que haja um rompimento com a realidade e, ao mesmo tempo, uma vivência da fantasia como tal.

Lacan (2002, p. 12) observa que “as psicoses são, [...], o que corresponde àquilo a que sempre se chamou, e a que legitimamente continua se chamando, as *loucuras*”. Para o autor, as operações psíquicas realizadas pelo psicótico encontram-se no campo do Imaginário, já que não são substituídas em seu reconhecimento pela função simbólica e ignoram os imperativos do Real. Ao mesmo tempo, o louco não utiliza o Simbólico para dar testemunho do Real, sendo, assim, o único capaz de testemunhar o Real como tal, uma vez que o neurótico tem acesso ao Real pelo Simbólico.

A falta de contenção é prevalente na loucura, pois o sujeito transborda e coloca o neurótico diante de uma condição que não pertence a este último: a liberdade. Enquanto na psicose o sujeito não barra o Real, na neurose o pai faz essa interdição e coloca barreiras que limitam as potencialidades do sujeito (com essa mulher não; saia da posição de objeto e venha para a condição de sujeito).

Destaca-se que, o psicótico é constantemente invadido pela discursividade do outro, por isso sua relação com o Simbólico e a linguagem possui peculiaridades. Para ele a “coisa” é a palavra, haja vista que o Simbólico não se separou do Real. Para o sujeito psicótico a palavra não “mata a coisa” e o gozo não está interdito, o que faz dele uma testemunha cruel da não substituição do gozo pela linguagem e de sua incapacidade de levar para o Simbólico a perspectiva do gozo (LEITE, 2007).

Neste sentido, sobre a interdição do gozo do sujeito, a questão da sexualidade se converte em elemento essencial para o debate empreendido, pois revela a castração como operadora

das possibilidades estruturais, quais sejam: neurose; psicose e perversão. Metaforicamente, a castração alude à mulher que foi castrada e ao homem que pode sê-lo.

É no Édipo que estas questões serão capilares, pois seus paradigmas nos atravessam e nos levam à vida adulta que ostentamos. É notório que com a experiência do Édipo somos levados a sair de uma relação na qual somos o objeto para assumir uma posição de sujeitos faltosos e do desejo. É essa saída que não ocorre com o psicótico, que continua na posição de objeto de amor do Outro. A resolução adequada, assim, é aquela que supera a crise e parte da submissão à Lei do Pai, o que faltará ao psicótico (NASIO, 2007).

Na psicose a metáfora paterna é delirante, porque o pai não interdita e, igualmente, não coloca “bordas” na estrutura psíquica do sujeito. Observa-se que o *Nome-do-Pai* é essencial para a estruturação psíquica dos indivíduos. Especificamente, ele é uma função simbólica que metaforiza o lugar da ausência da mãe. É o significante que por excelência permite que a mãe seja simbolizada. É com o pai que a Lei é apresentada à criança e barra a onipotência do Outro.

Partindo desta perspectiva, a função do Édipo caracteriza-se pela substituição do primeiro significante, que é materno. A *Lei do Pai* faz um corte simbólico entre a mãe e a criança. Essa relação dual está fadada ao fracasso e necessita da interdição da *Lei*. Alhures é o *Nome-do-Pai* a lei fundamental da simbolização e, na psicose, há uma falha simbólica estrutural, na qual a noção de suplência metaforiza a função paterna forcluída (LACET, 2004; LACAN, 2002).

Destaca-se que, o Complexo de Édipo, enquanto lei de simbolização, produz três registros: *Verdichtung*, *Verdrangung* e *Verneinung* (mal entendido, recalque e negação). Ou seja, a lei do mal entendido (fala com vários sentidos), o recalque como um sintoma neurótico e a negação respectivamente (LACAN, 2002).

Na psicose há ausência da significação fálica. Logo, o sujeito sofre consequências avassaladoras em seu discurso, que fica sem rumo frente à grande quantidade de significações que não lhe bastam, pois os significantes correm fora da cadeia. O sujeito permanece na errância, sem o amparo do significante e as anteriormente citadas leis de simbolização (*verdichtung*, *verdrängung* e *verneinung*) não operam (LACAN, 2002).

Sobre o surgimento do eu e as implicações do campo do outro, Lacan (1998) apresenta a idéia de uma chamada fase do espelho, que coloca o narcisismo já proposto por Freud como temática da organização imaginária do sujeito.

Destaca-se que, para Freud o narcisismo se caracteriza como atitude em que o investimento libidinal é voltado para o próprio eu e não para o mundo. A libido é, assim, afastada dos objetos externos e dirigida para o ego. O autor observa que existe uma catexia libidinal original do ego que tende a ser transmitida aos objetos. Pode-se dizer que a libido objetual está mais desenvolvida quando uma pessoa “parece” desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetual (FREUD, 1996b).

É a partir da concepção freudiana sobre o narcisismo que Lacan (1998) propôs uma chamada fase do espelho, definida como uma aventura original por meio da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo (direção objetual da libido – para o outro).

O sujeito identifica-se como um eu a partir do momento que se apropria da noção de um outro. A imagem especular propicia a identificação e o reconhecimento, favorecendo o enamoramento, a paixão por si mesmo, que coloca o sujeito como servo de seu corpo e aberto para o investimento libidinal e a identificação (SOUZA, 1991).

O sujeito vai se constituindo a partir deste movimento. Identificando-se com o outro e deve se preocupar em não assumir o lugar da identificação na busca errônea e fadada ao fracasso, da plenitude e do ser completo. Neste sentido, Silva (2008, p. 4) avalia que:

É através do outro que a criança aprende a se reconhecer. Isso implica em pensar que seu desejo, tal como seu corpo, não é inicialmente vivido como seu, mas alienado no outro. Esse é o grande impasse da relação dual imaginária e sair dessa alienação, implica criar simbolicamente um objeto que a substitui no desejo da mãe, e lhe permita emergir enquanto sujeito do próprio desejo.

Percebe-se que o Imaginário, como registro da identificação especular, interpela o sujeito a todo o momento, evocando uma articulação com o registro Simbólico mencionado anteriormente. Essa relação diz ao sujeito que para se constituir é necessária uma incursão ao jogo dialético entre ele e o outro, em uma busca (infindável) para acessar o Outro. Contudo, a própria significação de si se perde dada a impossibilidade de acesso ao Real.

Assim como a realidade, a subjetividade é constituída a partir da perspectiva do outro. Sales (2005) enuncia que é o olhar do outro o verdadeiro espelho no qual acontece a gênese da subjetivação, pois na imagem refletida há possibilidade de identificar-se com o olhar do outro que nos atravessa, e essa imagem se torna primeiro esboço do eu. É a partir da imagem do outro que a criança cria sua imagem.

Destaca-se a citação de Leclair (2001, p. 151) que afirma: “quanto mais a gente se procura mais encontramos o outro”. O olhar desvela nosso ser e nos coloca em contato com esse outro que se abre à experiência ímpar do encontro. Passemos, pois, à apresentação das análises realizadas a partir do conto de Machado de Assis *O Espelho* e dos pressupostos teóricos apresentados.

3 Estudo de Caso: a Personagem Jacobina do Conto *O Espelho* de Machado de Assis

Machado de Assis, aclamado autor brasileiro de inúmeras obras que entraram para a história e provocaram discussões. Seus personagens fascinam por seu poder de transcender as páginas dos textos e se materializarem em nossas fantasias e ainda no teatro, no cinema e na televisão. O que não dizer dos

olhos de ressaca de Capitu, do ciúme passional de Bentinho, dos irmãos Esaú e Jacó, da Agulha e da Linha e a grande lição do seu conto, do Alienista que evoca sentimentos de cuidado e referência à temática da saúde mental, entre outros.

Em 2008 comemorou-se não o centenário da morte de Machado, mas o centenário de sua entrada para a eternidade. Ele transcende a história e marca estilo na literatura e nos romances psíquicos que a muitos seduz e a poucos revela seus segredos, até porque muitos destes foram levados com o autor para o túmulo e imortalizados em nosso imaginário.

Neste sentido, este estudo se refere a uma das obras do citado autor, mais precisamente o conto *O Espelho*, publicado em *Obras Completas* pela primeira vez em 1882. Lançar-nos-emos a algumas interpretações e suposições que favorecem a compreensão não apenas da obra machadiana, mas também da psicanálise, especificamente sobre a psicose e sua relação com o Simbólico, o Imaginário e o Real.

No início do texto o autor apresenta a cena. Cinco cavalheiros debatem sobre questões de alta transcendência em uma casa minuciosamente descrita e com ares que propiciam a introspecção e a reflexão. Como em outros contos de Machado de Assis, a personagem é o narrador, e assim nos é apresentado Jacobina, personagem que será alvo nessa aproximação entre a literatura e a psicanálise.

Ressalta-se que não se pretende diagnosticar a personagem Jacobina como psicótica, mas analisar suas experiências a partir do referencial teórico da psicanálise e, assim, problematizar a questão, pois a personagem fictícia nos conduz às questões do psicótico e, também, a outras questões referentes aos neuróticos e ao processo de subjetivação.

Jacobina é um sujeito descrito como reservado e que guarda suas considerações para si, furtando-se de debates e discussões. Contudo, quando os outros quatro senhores se curvam ao debate sobre a natureza da alma, ele se posiciona, antes enumerando regras para que manifeste seu parecer a respeito do tema. É o seu relato que nos interessa nessa análise e por isso nos ateremos a ele.

Logo no início de sua exposição, Jacobina surpreende a todos afirmando que cada sujeito possui não uma alma, mas duas. Ele incita:

Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro [...]. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira: as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.

Somente com este parágrafo poderíamos nos ater a tempo e termo, já que ele revela sua compreensão sobre a alma

humana, lançando perspectivas de uma teoria sobre essa alma. Toda a situação narrada que se segue serve de explicação para este trecho.

Esta fala evidencia as proposições sobre o Estádio do Espelho de que nos fala Lacan. O Espelho diz respeito à imagem que constitui o eu, a subjetividade do sujeito. Para o autor, é a imagem do outro que permite ao sujeito viver sentimentos que são seus:

ela [a criança] pode participar, num transe completo do tomo de seu colega, ou da mesma forma lhe imputar, sem que se trate de mentira, ter recebido dele o golpe que lhe aplicou (LACAN, 1998, p. 180).

Segundo Souza (1991) o espelho serve à criança como indicador do amadurecimento que se sucederá. Essa indicação vem da imagem, está do lado de fora. Mas, não é necessário levar a criança ao espelho, como indica Machado de Assis, basta que a criança se identifique com a imagem do outro para que se desencadeie o processo de identificação que culmina na subjetivação. Na verdade, o espelho é uma metáfora lacaniana que alude à identificação e existência de ambiguidades em nós e no externo.

Citando Joël Dor (1990), Fonseca (2005) assevera que o “estádio do espelho” ordena-se essencialmente a partir de uma experiência de identificação fundamental, durante a qual a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo. A identificação primordial da criança com essa imagem irá promover a estruturação do “Eu”, terminando com essa vivência psíquica singular que Lacan denomina como fantasma do corpo esfacelado.

Nota-se que o outro é colocado como primordial para a constituição psíquica do ser humano, colocando na cultura e nas relações grandes responsabilidades nessa constituição. Ao buscar essa identificação o indivíduo se sujeita a uma relação psíquica estrutural da subjetividade humana. O espelho e as reações da criança diante deste mostram muito mais do que o narcisismo libidinal, mas apresenta ainda uma estrutura ontológica do mundo humano – conforme Jacobina denuncia – matriz simbólica e constitutiva do eu, capaz de definir o eu ideal e a pauta de conduta identificatória do sujeito (SALES, 2005).

Dois almas, uma interna e uma externa. A criança diante da sua imagem se apaixona pelo belo e formoso que se apresenta, mas vive um mundo de caos e desordem em sua estrutura psíquica. Este conflito a leva a constituir seus ideais de identificação e a buscar unir as partes em um todo. A não realização desta união leva à perda de características do eu e resulta na psicose.

Jacobina retoma a própria história de vida e narra sua ascensão ao posto de alferes da Guarda Nacional. Desse episódio lhe é marcante a repercussão da nomeação nos outros. Ele não relata o que sentiu, mas sim as perspectivas dos outros, mesmos aquelas de desgosto, conforme identificamos nos trechos a seguir:

Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes [...]. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples [...].

Nota-se que as pessoas passaram a identificar mais que o sujeito Jacobina, pois a qualidade de alferes o elevava e distinguia dos outros. A citada tia Marcolina levou o júbilo às últimas consequências, impedindo o jovem de retornar à cidade e lhe cobriu de honras que o aproximaram ainda mais da imagem de alferes.

De acordo com Leite (2007), o problema desta identificação com a imagem ou com o outro é que vamos nos distanciando de nossa subjetividade, que nos individualiza, passando a uma alienação tida como na imagem do outro, haja vista que o alferes a que se referiam não era Jacobina, mas o peso e a história da imagem alferes para as próprias subjetividades.

Grosso modo, a identificação nos arremete a mais remota expressão de um laço emocional entre duas pessoas. Assim, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto e no caso da psicose, a identificação é maciça e os conflitos oriundos do antagonismo ego ideal/ego real são basilares para a compreensão das relações humanas e de ego/objeto (FREUD, 1996a).

Nota-se que o que ocorre com Jacobina é uma identificação com o ego ideal, que difere do ego real e aqui podemos esclarecer que Lacan pensa em três etapas para o processo denominado Estádio do Espelho, desdobramento de suas investigações sobre o surgimento do eu. A primeira etapa refere-se justamente à recusa de Jacobina em um primeiro momento das honras e gracejos. Ele não se identifica com o alferes e pensa que se trata de outra pessoa. Percebe-se ainda que a tia traz um espelho, materializa a imagem que sai do campo verbal para atuar, também, no campo do olhar.

Jacobina acaba sendo invadida pelo discurso do outro e anula sua condição humana para assumir o lugar de alferes em tempo integral. Ele narra:

O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou.

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do

posto, nada do que me falava do homem.

No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes.

Na psicose este movimento é igualmente um fato. A discursividade invade o sujeito e este pensa que as palavras são as coisas, pois não há limites e o Simbólico não opera. Como a personagem de Oscar Wilde, Dorian Gray, que foi levada ao campo do narcisismo incondicional por meio da paixão e sedução do Outro (Wotton). Gray termina alienado, apagado pelo brilho do Outro, como nosso Jacobina que sucumbe ao discurso que aliena e chega a tirar a condição humana do sujeito (incompletude; castração; não perfeito) (FONSECA, 2005).

Ao trazer à realidade as imagens projetadas, Jacobina constitui uma nova possibilidade de mundo, reconhecendo e reeditando seu eu como nas alucinações dos psicóticos. Contudo, no caso da personagem, este movimento é uma expressão de seus conflitos subjetivos e se referem à neurose que tem dificuldades em aceitar o ego real, demandando hodiernamente a vivência de um ego ideal.

Em outra perspectiva, a identificação traz, ainda, elementos de agressividade como consequência necessária. Neste sentido, Sales pondera que:

- a) identificar-se com o outro significa querer tomar seu lugar, adquirir para si seus adjetivos, o que, levado às últimas consequências, significa suprimir sua existência;
- b) a dialética da identificação com o outro implica uma competição entre os sujeitos pelo mesmo objeto porque o desejo humano é sempre um desejo alheio (o próprio ‘eu’ já é um ‘outro’), ou seja, um objeto só emerge como alvo para o desejo do sujeito se for almejado por outro [...] (SALES, 2005, p.122-123).

O Estádio do Espelho prenuncia conflitos como os mencionados por nosso alferes que deseja o posto de militar não apenas para garantir sua subsistência, mas também para se afirmar diante da sociedade, tendo em vista sua origem simples, humilde e pobre aludida no começo da narrativa. Por outro lado, o conflito se evidencia nos desafetos que vão se formando em torno dele por aqueles que não foram nomeados alferes e passam a olhá-lo com desagrado.

A história de Jacobina prossegue e a tia Marcolina sai do sítio para visitar uma filha que está à morte, deixando o alferes com poucos escravos para lhe adular e a recomendação de cuidar do sítio. Essa reconfiguração do cenário desagrada o protagonista que informa que seu sentimento é de que a alma exterior se reduzira. Com essa mudança o alferes permanece dentro do homem Jacobina, mas a vida perde o colorido e a intensidade dos gracejos e das honras que lhe eram imputadas (necessidade do outro para se afirmar).

Recorre-se a Lacan (1985, p.199) para verificar que o campo do outro é o campo do surgimento e da constituição do sujeito. Essa necessidade do outro, nomeada por Lacan como alienação é concebida como a “primeira operação essencial em que se funda o sujeito”. Para o autor é o outro que apresenta

para o sujeito a falta e a diferença entre ele e o externo.

Vale relembrar que a identificação não resulta em uma identidade nossa, mas em uma que é nomeada, vivida, capaz de nos alienar no outro (constituição do sujeito). Esta não é a vivência de Jacobina, pois ele não encontra mais sua “alma exterior”. Como a própria personagem enunciara no início da narração, quem perde uma das metades – interior/exterior, perde metade da existência.

Por sua vez, o narcisismo é confrontado com a certeza da castração que impede a completude. O outro nos permite acessar nossa subjetividade, já que a voz e o olhar do outro são os verdadeiros espelhos onde acontece a gênese da subjetivação, a gênese do eu. Jacobina criou a imagem de alferes a partir das honras e ao perder as honras – elemento que vem do outro, ele perdeu uma parte de si (SALES, 2005).

Sua situação se agrava, pois até os escravos lhe abandonam. Só resta o Jacobina, nada de alferes, nem vestígio deste ou do que foi este. Machado de Assis dá voz à personagem:

Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse.

Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: — o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único, — porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava *dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava.*

A solidão traz para Jacobina a castração. A impossibilidade de ser objeto e a urgência do desejo/falta. O quadro descrito pelo autor do texto esboça a condição de esburacamento a que somos submetidos sempre que nos defrontamos com a castração, com a impossibilidade da satisfação. O desejo está lá, foi vivido, mas algo escapa. Algo falta. Para Jacobina falta o Outro. O olhar e a voz do Outro que o invade e traz nova possibilidade de história, de vida e de um eu narcísico completo, eu ideal. Esse Outro que aliena, inscrevendo o sujeito em sua condição *sine qua non*, apresenta-lhe as perspectivas do gozo e a da plenitude.

Ao fazer a experiência do espelho Jacobina teve a possibilidade de, na dimensão do imaginário, ser levado à ilusão de unidade, completude e consistência no momento da identificação e da invasão do discurso alheio sobre si, e agora a personagem vive a outra face da moeda: a verdade do desamparo, a insuficiência, a perda do objeto que lhe constitui e a realidade da dependência. Teceu-se uma teia de enganos alicerçada na

ilusão e nas promessas do Imaginário (SOUZA, 1991).

Esse movimento reflete a segunda etapa do Estádio do Espelho que trata da ilusão. O sujeito acredita que a imagem contida no espelho é Real. Tal proposição esbarra nas elaborações acerca da linguagem do psicótico que tenta impedir a dissolução do Imaginário. A linguagem, neste sentido, serve de mecanismo para segurar o delírio e a imaginação. Lembremos que, como dito anteriormente, o neurótico habita a linguagem, já o psicótico é possuído por ela, como Jacobina que cede aos anseios da fala da família, dos colegas e dos escravos. A verdade está na boca do Outro e não com o sujeito que opera na psicose (LACET, 2004).

O psicótico não se identifica com o falo e, na experiência de Jacobina, percebe-se que houve uma identificação com o alferes (falo) que coloca a personagem na dimensão neurótica do ser. O falo promete um mundo diferente daquele de sua origem, promete honras e glórias, mas o final marcado pela solidão psíquica nos coloca diante daquilo que é irremediável: a castração (FONSECA, 2005).

O final do Conto surpreende com a posição que Jacobina assume diante da solidão e do desamparo existencial que o assola. Ele se recompõe como alferes e encontra no espelho que ganhou da tia a “alma externa” que lhe faltava. O narrador sentencia:

Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. [...] no fim de oito dias, deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.

Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento [...].

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho.

Na imagem refletida no espelho Jacobina reencontra a “alma exterior” que a muito lhe fazia falta e o levava a uma incompletude desestruturante. Assim como a criança na terceira etapa do Estádio do Espelho proposta por Lacan, que ao olhar para o espelho se vê e identifica que a imagem refletida é ela, é o seu eu. Jacobina faz esse reconhecimento, mesmo que sua imagem não se apresente totalmente unificada ele a reconhece como tal.

O psicótico não faz esse movimento, sendo incapaz de se reconhecer na imagem, assim como outras patologias, outros sujeitos que não se reconhecem ou distorcem a própria imagem quando diante do espelho, permanecendo sujeito parcial, ou mesmo objeto, e não figura integral – *gestalt* (FONSECA, 2005; LACAN, 2002; LACET, 2004; LEITE, 2007).

Ao romper com a solidão e com a espera do Outro, Jacobina, diferentemente do movimento de Dorian Gray, não extermina a própria vida para preservá-la, mas encontra em si mesmo aquilo que julgava no outro. Seus amigos, inimigos, os discursos, enfim a “alma externa” estava dentro de si, e como a própria personagem inicia seu relato, a *gestalt* está no sujeito e não fora dele. A síntese representada na imagem especular contrasta com as sensações corporais experimentadas (solidão, abandono), sensações que anunciam a fragmentação e permite o reencontro consigo mesmo (FONSECA, 2005; SALES, 2005).

Toda a discursividade da personagem é marcada pela presença do outro. Jacobina se põe a dialogar com os outros depois de recusar fazê-lo, como habitual, o que demonstra uma dificuldade em lidar com o campo da linguagem atrelado ao campo do outro. A solidão marca a personagem que termina o conto abandonando a cena, sem se despedir e sem dar maiores explicações. Enigmático, Jacobina se recolhe e permanece o mistério sobre sua real integração, enquanto sujeito. Esse mistério tão característico da obra de Machado de Assis faz do autor um arauto da literatura e um desbravador da alma humana, como propõe com o conto.

6 Considerações Finais

Percebe-se que a temática não se esgota neste estudo. A personagem Jacobina sai de cena com seu eu integrado, mas nos permite lançar mão de indagações e reflexões sobre o eu psicótico que não se visualiza inteiro, não tem acesso à *gestalt*, uma vez que não sai do *Estádio do Espelho*, ficando refém do outro e invadido por uma discursividade que lhe é viva.

Como explicitado, o inconsciente do psicótico não tem barreira, não tem “bordas”, logo seu discurso é alucinatório, já que faz parte o inconsciente. O psicótico é um testemunho aberto do inconsciente em que ele parece fixado a uma posição que o impede da restauração capaz de colocá-lo no discurso dos outros. Neste sentido, o psicólogo pode colocar-se em uma posição de auxiliar o psicótico, permitindo a circulação da produção e procurando encontrar junto ao psicótico um significante para reorientá-lo.

Essa busca por uma ordenação se resume na tentativa de remontar a cena edípica e nela inserir o pai que traz a lei. O sujeito fica reduzido a um corte, levando consigo sempre a idéia de divisão (eu ideal e eu real). Há uma exterioridade do psicótico em relação ao conjunto da linguagem, suas frases têm certa articulação lógica, porém com sentido de estranhamento, sem simbolização com o real, diferente do neurótico que não perde a simbolização. Essa dificuldade de simbolização é chamada de buraco no simbólico, querendo dizer que alguma coisa não funcionou, não se completou no Édipo, diferente da neurose que está interligada ao Édipo, como mencionado ao longo deste trabalho.

Na psicose é o registro do pai que está em falta, o sujeito é incapaz de simbolizar o pai. Há aniquilamento do significante,

porém muitos psicóticos vivem por tempos compensados por “muletas imaginárias” (identificações conformistas a personagens que dão sentido ao que é preciso fazer para ser homem, que compensam esse aniquilamento, mas que se tornam insuficientes), o que faz a entrada na psicose. O que aparentemente não ocorre com Jacobina, pois ele faz uso dessa chamada “muleta imaginária”, vivendo a identificação com a imagem especular, que o leva a identificações que nem sempre são proficuas para o eu e igualmente não o são para o psicótico.

Em psicanálise a linguagem assume importância capital e, no que tange à psicose, o discurso do paciente se constitui como a *via regia* de acesso à subjetividade do psicótico. É com Lacan que a psicanálise se serve da linguística para o estudo e a compreensão dos pacientes. O psicótico parece estar aprisionado a um real impossível de ser simbolizado. Por isso a urgência de novas possibilidades de clínica e terapêutica.

Referências

- ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- FONSECA, M.C.B. *Dorian Gray*: entre a psicose e a perversão. *Revista Reverso*, v. 27, n. 52, p. 69-73, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/reverso/v27n52/v27n52a10.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2008.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 79-154.
- _____. Sobre o narcisismo. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 77-109.
- HERMANN, M. C. O significante e o real na psicose: ferramentas conceituais para o acompanhamento terapêutico. *Revista Estilos Clínicos*, v. 10, n. 19, p. 132-153, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>>. Acesso em: 16 nov. 2008.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *O seminário*. Livro 3: as psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. *O seminário*. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACET, C. Da forclusão do Nome-do-Pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. *Revista Psicologia*, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 243-262, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a23v1512.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2008.
- LECLAIRE, S. *Escritos clínicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEITE, M.P.S. A psicose como paradigma. In: PINTO, M.C. (Org.). *O livro de ouro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 351-361.
- NASIO, J.D. *Édipo*: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- SALES, L.S. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. *Revista do Departamento de Psicologia*, Niterói, v. 17, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a09.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2008.
- SILVA, F.D. Dompte-regard: a dialética do invisível. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 8., CONGRESSO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 6., 2008, Botucatu. *Anais...* Botucatu: UNIFAC, 2008.
- SOUZA, N.S. *A psicose*: um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Campus, 1991.